

un nexo de fractura y extrañamiento lo que nos deja una forma de praxis filosófica destituyente, posibilitando así el *ethos* de generar nuevas formas éticas y estéticas de estar en el mundo.

GONZALO RAMOS PÉREZ

O ENIGMA DA REVOLTA. ENTREVISTAS INÉDITAS SOBRE A REVOLUÇÃO IRANIANA. MICHEL FOUCAULT. TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO: LORENA BALBINO. SÃO PAULO: N-1, 2018.

Michel foucault: insurgir, tornar-se outro

As reações em torno de declarações de Michel Foucault sobre as revoltas populares ocorridas no Irã no final da década de 1970 foram bastante intensas e provocaram fortes críticas, por ocasião de tais acontecimentos. Daquele período até o presente, o interesse sobre tais declarações e o pensamento do filósofo francês acerca da questão iraniana não cessou e tem se mostrado vivo e renovado. Isso pode ser atestado, por exemplo, pela publicação, em 2005, nos Estados Unidos, do livro *Foucault and the Iranian Revolution*, de Janet Afary e Kevin B. Anderson¹; pela dissertação de mestrado de Maurício Pelegrini intitulada *Michel Foucault e a revolução iraniana*, defendida em 2015, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas; pela realização do Colóquio Internacional *Foucault y el dossier Irán: sobre la insurgencia y la resistencia*, em novembro de 2018, em Buenos Aires, na Argentina; e pela edição, em 2019, do n. 6 desta *Revista* espanhola, dedicado à temática *Foucault en Irán*.

¹ Livro foi traduzido por Fábio Faria e publicado no Brasil, em 2011, pela Realizações Editora com o título *Foucault e a revolução iraniana: as relações de gênero e as seduções do islamismo*.

Em meio a esse interesse em constante renovação e, ao mesmo tempo à condição de acesso aos arquivos Foucault na Biblioteca da França, é publicado, no Brasil, pela Editora n-1, sob organização de Lorena Balbino, o livro *O enigma da revolta: entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana* que é composto, por duas entrevistas de Michel Foucault, até então inéditas, além de uma *Apresentação*, — feita pela organizadora do livro, do qual também é tradutora — um texto-depoimento de Farés Sassine, jornalista que, em 1979, realizou uma dessas entrevistas e o ensaio *Foucault e a experiência utópica*, do professor de sociologia na Universidade Paris-Ouest Nanterre-La Défense Christian Laval, que funciona, na estrutura do livro, como posfácio.

As duas entrevistas de Foucault decorrem, de certa forma, de suas viagens ao Irã, onde o filósofo esteve por duas vezes no ano de 1978, — a primeira viagem de 16 a 24 de setembro e a segunda, de 9 a 15 de novembro — como um observador interessado nas manifestações populares que aconteciam naquele momento, naquele país do oriente, distante das referências teórico-culturais sobre revolução. Foucault viajou até o Irã como quem quisesse estar *in loco* para perceber, atentamente, aqueles acontecimentos de perto, no calor de sua eferescência, numa espécie de jornalismo filosófico.

Não sei fazer a história do futuro.
E fico um pouco sem jeito de
prever o passado. Gostaria,
contudo, de tentar alcançar o que

está se passando, pois nesses dias, nada acabou e os dados estão, ainda, sendo lançados. Talvez isso seja o trabalho do jornalista, mas é verdade que sou apenas um neófito (FOUCAULT, 2010b, p. 251).

Talvez seja plausível dizer que as viagens de Foucault ao Irã, no início dessas investidas jornalísticas, tenham tido um caráter genealógico, não só pelo período em que elas aconteceram, ou seja, exatamente no ano de 1978, portanto, no auge do desenvolvimento de seu eixo de investigações genealógicas, no qual, a partir de *Vigiar e punir* ele investe toda a sua energia na busca da compreensão do poder como elemento analisador da produção de saberes e a constituição do sujeito no ponto de articulação entre saber e poder; mas também, não foi por acaso ou coincidência que Foucault quis ouvir o que diziam os iranianos. Certamente ele tinha no roteiro das viagens ao Irã e na percepção daquele levante, a genealogia como bússola a lhe indicar o norte, uma vez que o que lhe interessava, naquele momento de suas investigações, era o saber *histórico da luta* e a utilização desse saber histórico como tática, o que, no caso iraniano, não implicaria na filtragem do fato concreto do levante por uma abstração teórica, pois seu olhar não se guiava por um cientificismo, nem por um empirismo, o que ele buscava naquelas investidas jornalístico-filosóficas no Irã era ouvir aqueles homens e aquelas mulheres insurretos

sem a tutela de uma vanguarda ideológica, o que ele buscava, de algum modo atingir, era o *saber das pessoas* naquela particularidade e sua capacidade de oposição aos poderes opressores.

Desse ponto de vista do contexto da produção em que as entrevistas d' *O enigma da revolta* se inserem na trajetória de Foucault, é interessante a situação que Balbino faz, ao observar que elas estão no prolongamento das reflexões que o filósofo havia empreendido desde *Vigiar e Punir* com relação à noção de poder e de estratégias de contraposição aos seus dispositivos e, de maneira mais próxima no tempo, o que Foucault desenvolvia no seu curso daquele ano de 1978 com desdobramentos sobre insurreições de conduta.

Se em 1975, no livro que, de certa forma marca o começo da fase genealógica, cujo enfoque recai sobre os processos através dos quais os indivíduos se tornam sujeitos como produto de intrincados processos de objetivação que só se dão na trama de poderes que os capturam e classificam, no curso de 1978, no *Collège de France*, embora o filósofo não se refira à sublevação do Irã, dedica boa parte da aula do dia 8 de março às insurreições de conduta.

O que o fizera, inicialmente, interessar-se pela questão iraniana foi a leitura do livro *O princípio da esperança*, de Ernest Bloch que, em linhas gerais, trata da percepção coletiva da história e da possibilidade de revolução. Enquanto ele lia esse livro, os

noticiários franceses davam conta de que no Irã ocorria um levante popular, cuja característica era de não haver um comando ideológico revolucionário de padrão ocidental, nem de ter a direção de um partido ou mesmo de qualquer tipo de organização política. Ao contrário, tratava-se de um levante de massa, caracterizando-se pelo posicionamento de um povo contra um sistema de poder em que havia, claramente, a importância da religião. Não havia, para Foucault, nenhuma expressão, nenhum paralelo na ordem política, nada que pudesse se equiparar àquele fenômeno social maciço de rejeição ao regime iraniano e que, ao mesmo tempo, se propagava de forma eficaz, sem resvalar na confusão, na afetividade ou na ausência de consciência. À época, Foucault relatou:

De fato, todo o país está afetado: cidades, campo, centros religiosos e regiões petrolíferas, bazares, universidades, funcionários, intelectuais. As próprias ratanzas privilegiadas deixam o navio. Todo um século de Irã foi recolocado em questão: o desenvolvimento econômico, a dominação estrangeira, a modernização, a dinastia, a vida cotidiana, os costumes. Rejeição global (FOUCAULT, 2010b, p. 251).

Não se tratava de uma sublevação espontânea à qual faltaria uma organização política. Para Foucault, o que houve no Irã naquele final de década foi um movimento para libertação, tanto da dominação que

vinha do exterior, quanto da política no seu interior. Não era uma revolução no sentido literal. Não se tratava de uma revolução nos cânones ocidentais. E é nesse ponto que se aloja o enigma da revolta iraniana, o enigma da ira do Irã. O filósofo francês entendia que era uma revolta de homens reais, sujeitos de sua vontade de insurgência contra aquela forma de governo que os conduzia. Era uma revolta de sujeitos que não mais queriam ser assujeitados ao *sujeito da história* que, por suposto, carregaria em si a própria história, por isso, Foucault assim descrevia aquele momento:

É a insurreição de homens que, com mãos nuas, querem levantar o peso que recai sobre cada um de nós, mas mais particularmente, sobre eles, esses trabalhadores do petróleo, esses camponeses na fronteira dos impérios: o peso da ordem do mundo inteiro. É, talvez, a primeira grande insurreição contra os sistemas planetários, a forma mais moderna da revolta e a mais louca² (FOUCAULT, 2010b, p. 254).

A primeira entrevista que o livro dá a conhecer, foi concedida ao *Le Nouvel Observateur*, no dia 3 de janeiro de 1979, cuja publicação parcial só aconteceu no começo de 2018, tendo permanecido guardada por 39 anos nos arquivos do filósofo, já a segunda entrevista, foi dada ao então iniciante na carreira jornalística, Farès Sassine, mantendo-se inédita em francês

2 O título inicialmente proposto por Foucault para o artigo *O chefe mítico do Irã*, publicado no jornal italiano *Corriere della sera*, do qual se extrai essa citação foi *A loucura do Irã*.

por 35 anos, mas conservando-se integralmente registrada em áudio, tendo sido parcialmente publicada no jornal libanês *Na Nahar al'arabi wa addiwwali* e publicada somente em 2013, em forma de dossiê, na Revista Rodéo.

Em ambas as entrevistas, Foucault à propósito da questão iraniana, acaba por discorrer sobre uma variada gama de noções que dão acesso a aspectos de suas ideias sobre poder, resistência, experiência, vontade, religião, espiritualidade, pensamento, e intelectualidade, por exemplo, compondo um intenso panorama mental capaz de descortinar questões de extrema atualidade e que, mesmo depois de tanto tempo transcorrido, podem fornecer interessantes chaves de análise e interpretação do nosso tempo presente.

A realização dessas entrevistas acontece na esteira das análises estabelecidas em sua *Reportagem de ideias* para o jornal italiano *Corriere della Sera* que constituiu o projeto de uma série de reportagens para esse jornal e que apresentava como finalidade dedicar investigações sobre temas de fundo daquele contexto histórico-político-cultural³. À propósito dessas *reportagens*, Foucault disse:

Há mais ideias sobre a terra do que do que com frequência imaginam

3 Foram previstas reportagens sobre o Vietnã, sobre a Hungria, sobre a democratização espanhola e sobre o suicídio coletivo da seita do pastor Jones, na Guiana, que seriam realizadas por diferentes intelectuais. Contudo, só foram publicadas as reportagens sobre o Irã, sobre os Estados Unidos e sobre os *boat-people*, respectivamente realizadas por Michel Foucault, Alain Finkielkraut e André Glucksmann.

os intelectuais. E essas ideias são mais ativas, mais fortes, mais resistentes e mais apaixonadas do que o que delas podem pensar os políticos. É preciso assistir ao nascimento das ideias e à explosão de sua força: e isso não nos livros que as enunciam, mas nos acontecimentos nos quais elas manifestam sua força, nas lutas que travamos pelas ideias, contra ou a favor delas (FOUCAULT, 2012, p. 125).

É a partir da visão genealógica da particularidade dos acontecimentos e imbuído da convicção de que o mundo não é conduzido passivamente por aqueles que o dirigem ou que querem ensinar esse mundo a pensar de uma forma determinada que Foucault expõe seu pensamento nessas entrevistas, de modo a ligá-lo àqueles acontecimentos tão específicos, tão singulares da revolta popular do Irã. Ou seja, suas análises se consubstanciaram no ponto em que se cruzaram suas ideias com a emergência dos acontecimentos iranianos do fim dos anos 1970.

No entanto, as análises feitas por Foucault, os pontos de vista que ele expôs sobre a sublevação no Irã, sua potência e seus efeitos possíveis, naquele momento, não foram plenamente compreendidos. Ao contrário, tornaram-se pontos cruciais de críticas, segundo as quais o filósofo nutria simpatia ao aiatolá Khomeini, sendo incapaz de avaliar com a devida cautela a configuração que os acontecimentos poderiam assumir, assim como uma certa inaptidão

intelectual numa infeliz mistura de filosofia política e religião.

De diversas formas Foucault buscou responder às críticas que lhe eram destinadas, em virtude de suas posições e reflexões sobre a questão iraniana, de modo que as entrevistas d'*O enigma da revolta* também são canais através dos quais ele tenta esclarecer pontos, desfazer mal-entendidos e, em alguns casos, restabelecer a veracidade dos fatos. Uma das respostas às críticas a ele dirigidas foi a publicação, no dia 12 de maio de 1979, no jornal *Le monde*, do artigo intitulado *É inútil revoltar-se?*, inicialmente redigido como carta endereçada ao jornal *L'express*, através da qual o filósofo solicitava sua publicação em resposta à Ullman em relação a alterações que ele fizera em afirmações suas sobre a sublevação, episódio que Balbino narra na *Apresentação* do livro. No artigo, Foucault afirma:

Enigma da insurreição. Para quem buscava no Irã não as 'razões profundas' do movimento, mas a maneira com que ele era vivido, para quem tentava compreender o que se passava na cabeça daqueles homens e daquelas mulheres quando arriscavam suas vidas, uma coisa era surpreendente. A fome, as humilhações, o ódio pelo regime e a vontade de mudá-lo, eles os inscreviam nos confins do céu e da terra, em uma história sonhada que era tão religiosa quanto política (FOUCAULT, 2004, p. 78).

O que Foucault quis observar foi a singularidade da revolta iraniana, foi

o seu senso libertário, foi a recusa de um povo a um regime que o oprimia. Seu olhar se voltava para uma revolta que não contava um líder ou com um programa revolucionário de algum partido ou com uma estratégia intelectual traçada como *verdade essencial*. O que Foucault quis foi ouvir aquelas vozes que tinham tudo contra elas e que se obstinava a impor-lhes o silêncio, o que ele quis foi ouvir o que elas queriam dizer. *Todas as desilusões da história de nada valem: é por existirem tais vozes que o tempo dos homens não tem a forma da evolução, mas justamente a da "história"* (FOUCAULT, 2004, p. 80).

O entendimento de Foucault não era o de que se deveria falar pelo crivo de uma teoria revolucionária em nome dos outros, o que reforça sua atitude de genealogista. Os iranianos como atores da cena que queriam ver construída, ao falarem de um governo islâmico, tinham em mente outra coisa diferente das fórmulas revolucionárias (ocidentais). Eles queriam uma realidade próxima a eles e faziam das estruturas religiosas não só a clivagem da resistência, mas o princípio de uma criação política, de uma vontade política. Para Foucault era com isso que o povo iraniano sonhava quando falava em governo islâmico.

É, em todo caso, alguma coisa de muito velha e, também, de muito longe, no futuro: voltar ao que foi o Islã no tempo do Profeta; mas também avançar em direção a um ponto luminoso e distante, onde seria possível reatar com uma fidelidade, antes do que manter

uma obediência (FOUCAULT, 2010a, p. 233).

É na transversal entre a religiosidade iraniana e o campo político da revolta que Foucault desfia suas análises acerca da noção de espiritualidade (política) que, certamente foi um dos principais pontos de controvérsia sobre suas declarações. Em relação a essa noção, na entrevista a Sassine, Foucault diz: *A respeito da espiritualidade política, a frase que disse foi esta: disse que o que encontrei ali era algo como a busca por uma espiritualidade política, e disse que essa noção, que é agora para nós bastante obscura, era bastante clara, familiar, ao século XVI* (Foucault, 2018, p. 62). Na entrevista ao *Le Nouvel Observateur* o filósofo assim define a espiritualidade:

Acredito que seja essa prática pela qual o homem é deslocado, transtornado, até a renúncia de sua própria posição de sujeito. Não mais ser sujeito como se foi até agora, sujeito em relação a um poder político, mas sujeito de um saber, sujeito de uma experiência, sujeito também de uma crença.

Para mim, essa possibilidade de se insurgir de si mesmo a partir da posição do sujeito que lhe foi fixado por um poder político, por um poder religioso, um dogma, uma crença, um hábito, uma estrutura social, é a espiritualidade, isto é, torna-se outro do que se é, outro do que si mesmo (Foucault, 2018, p. 21).

No ensaio de Laval que encerra o livro ele diz que *o "tornar-se outro" de Foucault é pensado como um deslocamento* (Laval, 2018, p.117).

Mobilizando os termos experiência e utopia, aliás, a partir deles intitulado o posfácio: *Foucault e a experiência utópica*, o sociólogo discute a utopia em aspectos do pensamento de Foucault como uma questão de experiência. De modo que, para ele: *A experiência utópica é, portanto, uma experiência de transformação, uma experiência alteradora, uma experiência de liberdade dentro da ordem existente. Foucault deu uma definição lapidar quando disse: Uma experiência é algo da qual saímos transformados* (Laval, 2018, p. 103).

Segundo Laval, a experiência para Foucault, sendo algo transformador do indivíduo ou de coletivos, não se restringe à prática, mas é também decifração da história. Desse modo, a utopia se configura como vontade de outras formas de vida, de outros mundos, vontade que se apresenta como capacidade crítica e como prática libertária. O sociólogo observa que se a obra de Foucault for tomada em seu conjunto, como percurso filosófico, conferindo-lhe uma unidade, um sentido de continuidade ou mesmo se consideradas as três fases atribuídas à sua trajetória, não há somente um *pensamento da descontinuidade*, mas uma continuidade paradoxal: a continuidade desconcertante da vontade de ser outro, a obstinada busca de, constantemente, tornar-se outro. *De modo que a experiência utópica como experiência alteradora é o que pode caracterizar não apenas o objeto e o método de Foucault, mas sua própria subjetividade, o que permite dar*

conta justamente da descontinuidade assumida da própria obra (Laval, 2018, p. 105).

Os apontamentos aqui formulados indicam alguns pontos de interesse e de recomendação do livro *O Enigma da revolta. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana*, não só para aqueles cuja atenção esteja mais voltada para os ditos e escritos de Michel Foucault, pela possibilidade de conhecer material inédito depois de quase quatro décadas de sua morte, mas também para os leitores em geral que queiram perceber a vivacidade e a perspicácia de um pensamento em plena realização analítica diante de um acontecimento e em pleno exercício de alteridade.

As entrevistas abrem frestas para o desenvolvimento de noções como ferramentas de análise para questões que hoje nos atravessam: Estados de exceção, explosões de movimentos insurrecionais pelo mundo afora e utilização de fake News para instituição de verdades, por exemplo. Com relação à questão das fakes News, particularmente, é muito instigante perceber que Foucault já no fim dos anos de 1970 se debatia e lutava contra o fenômeno desse artifício de criação de fatos, manipulação de discursos, falsificação de textos, atribuição de outros sentidos a declarações alheias, ou seja, o uso de meios de comunicação para a propagação de verdades ligadas a determinadas vantagens e benefícios, um assunto da pauta de nosso cotidiano atual, as falsas notícias.

Enfim, a atenção de Foucault para a sublevação do Irã dá a ver as modificações, as alterações e possibilidades novas de transformação do mundo e do sujeito nesse mundo. Do coração do presente de nossa própria história pode-se abrir uma fresta, um *ponto de luz* que ilumine a passagem alteradora desse mundo para outro melhor. Eis o desafio: decifrar o enigma de uma novo e melhor mundo ou ser engolido pelas estruturas arcaicas do mundo que nos fustiga e aprisiona.

Referências

- AFARY, Janet; ANDERSON, Kevin B. **Foucault e a revolução iraniana: as relações de gênero e as seduções do islamismo**. Tradução: Fábio Faria. São Paulo: Realizações Editora, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 10ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- FOUCAULT, Michel. É inútil revoltar-se? In.: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Coleção Ditos e escritos, V. Manoel de Barros da Motta (org.). Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 77-81
- FOUCAULT, Michel. *Com o que sonham os iranianos?* In.: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Coleção Ditos e escritos, VI. Manoel de Barros da Motta (org.). Tradução: Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. p. 230-236.
- FOUCAULT, Michel. *O chefe mítico da revolta do Irã*. In.: FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Coleção Ditos e escritos, VI. Manoel de Barros da Motta (org.). Tradução: Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b. p. 251-254.
- FOUCAULT, Michel. *As "Reportagens" de ideias*. In.: FOUCAULT, Michel. **Segurança, penalidade e prisão**. Coleção Ditos e escritos, VIII. Manoel de Barros da Motta (org.). Tradução: Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 124-5.
- FOUCAULT, Michel. O Enigma da revolta. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana. Tradução e Apresentação: Lorena Balbino. São Paulo: n-1, 2018.
- LAVAL, Christian. *Foucault e a experiência utópica*. In.: FOUCAULT, Michel. O Enigma da revolta. Entrevistas inéditas sobre a Revolução Iraniana. Tradução e Apresentação: Lorena Balbino. São Paulo: n-1, 2018.

HAROLDO DE RESENDE